

1.ª Reunião de Phytopathologistas do Brasil

Realisou-se, de 20 a 25 de janeiro do corrente anno, no Rio de Janeiro, a 1.ª Reunião de Phytopathologistas do Brasil.

A idéa de reunir, pela primeira vez em nosso paiz, os technicos que trabalham em phytopathologia, partiu do Dr. H. V. S. Grillo, chefe da secção de Phytopathologia do Instituto de Biologia Vegetal do Rio de Janeiro e professor dessa disciplina na Escola Nacional de Agronomia.

Consultados os especialistas no assumpto por uma commissão organizadora constituída pelos Drs. H. V. S. Grillo, A. A. Muller e N. S. Azevedo, foram todos unanimes em acolher com grande sympathia essa feliz iniciativa.

Essa reunião, convocada com o fim de congregar pela primeira vez em nosso paiz os phytopathologistas, teve por fim não só coordenar os esforços de todos os technicos, como promover tambem um intercambio mais intimo entre os diversos especialistas.

Uma vez marcada a reunião, despertou ella grande interesse, tendo á mesma comparecido diversos especialistas estrangeiros actualmente aqui no Brasil.

No dia 20 de Janeiro, ás 13 horas, no salão nobre da Escola Nacional de Agronomia, realisou-se a sessão preparatoria para a recepção dos membros presentes e eleição do presidente da Reunião, tendo sido eleito o Snr. Dr. A. A. Bitancourt, do Instituto Biologico de S. Paulo. A's 15 horas desse mesmo dia realisou-se, com grande solemnidade, a sessão inaugural, tendo á mesma comparecido o Exmo. Snr. Ministro da Agricultura e o Reitor da Universidade do Rio de Janeiro. Após o discurso do Snr. Ministro, congratulando-se com os promotores da reunião, foi a presidencia da mesma entregue ao Snr. Dr. A. A. Bitancourt, que respondeu agradecendo. Por essa occasião falaram ainda o director do Instituto de Biologia

Vegetal, Dr. P. Campos Porto, o Dr. H. V. S. Grillo, professor da Escola Nacional de Agronomia e o Dr. Leitão da Cunha, reitor da Universidade do Rio de Janeiro.

Nos dias seguintes realizaram-se as demais sessões, que ficaram divididas em sessões especiaes e sessões geraes.

Nas sessões especiaes foram feitas as seguintes communições: Doenças das plantas causadas por fungos dos generos *Elsinoe* e *Sphaceloma*, pela Dra. A. E. Jenkins. — Reivindicação scientifica visando a exacta denominação do *mildeum* da Bata-teira. Considerações sobre listas phytopathologicas no Brasil. Enumeração alphabetica e systematica dos cryptogamos e seus synonymos encontrados na batateira. Contribuições á microscopia: 1) Apresentação de dispositivo facilitando o trabalho microscopico; 2) Novo processo de "centragem" rapida da platina microscopica e "reperagem" ultra rapida dos objectos microscopicos; 3) Novo systema de mesa graduada para desenho microscopico, especialmente adaptada aos ultimos modelos de microscopios binoculares; 4) A utilidade da diaphanosopia nos microscopios de dissecção e uma adaptação da subplatina para realisa-la. Computo das especies de "ferrugens" verdadeiras e as primeiras notificações de doenças de vegetaes neste Paiz. Relato das publicações sobre *Uredineas* encontradas no Brasil e paizes limitrophes, pelo Dr. A. Puttemans. — Considerações sobre a Flora de Fungos do Rio Grande do Sul, pelo Rev. Padre Rick. — Alteração da morphologia de flores pelos *Ustilaginales*, pela Dra. G. von Ubisch. — *Fusarium* como causador da murcha do algodoeiro no Brasil, pelo Dr. H. P. Krug. — Observações sobre a doença do abacaxi causada pelo *Thielaviopsis paradoxa*, pelo Dr. J. F. Rangel. — Relação bibliographica das doenças do cafeeiro, pelo Dr. N. Azevedo. — Tres especies de *Septobasidium*, pelo Dr. A. A. Muller. — Levantamento phyto-sanitario, pelo Dr. J. Deslandes. — Sobre a *Septoriose* do tomateiro, pelo Dr. O. Drummond; Bibliographia de doenças da Roseira, pelo Dr. R. Benatar. — Doenças da Videira, pelo Dr. C. Gobbato. — Organização da Phytopathologia na Italia, pelo Dr. C. Marmo. — Ensino da Phytopathologia pelo Dr. H. V. Grillo. — Observações sobre o ensino da Phytopathologia no Brasil, pelo Dr. A. Muller. — Doenças da Canna de Assucar pelo Dr. A.

Caminha Filho. — Sobre as doenças do cacao, pelo Dr. Gregorio Bondar. — Insectos transmissores de doenças em plantas, pelo Dr. Cincinato Gonçalves. — Sobre as galhas de plantas, pelo Dr. F. R. Milanez. — Nomenclatura mycologica e phytopatologica no Brasil, pelo Dr. J. G. Carneiro.

As comunicações feitas ás sessões geraes foram as seguintes: Organização da Defesa Sanitaria Vegetal nos paizes estrangeiros e Variação do Sphaceloma Viscosa, pelo Dr. A. Bitancourt. As picadas dos aphideos, pelo Dr. F. Rawitscher. Alguns dados para servir á historia da phytopathologia no Brasil, pelo Dr. A. Puttemans. Lista de fungos do Brasil, pelo Dr. H. V. Grillo. A importancia do methodo de enxertia em immunologia vegetal, pelo Dr. Karl Silberschmidt. Considerações sobre fungicidas e aparelhos pulverisadores, pelo Dr. N. B. Fagundes. — Quarentenas, pelo Dr. E. Bruck.

Foram ainda realizadas diversas excursões pelos membros da reunião ao Jardim Botanico do Rio de Janeiro, Instituto Oswaldo Cruz em Manguinhos, Instituto Technologico, Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal e Zona citricola do Rio de Janeiro.

Durante os dias da reunião, diversas demonstrações de aparelhos para microscopia foram realizadas pelas firmas Carl Zeiss, Bausch & Lomb e Lutz Ferrando & Cia.

Na residencia do Snr. Director do Instituto de Biologia Vegetal, Dr. P. Campos Porto, foi offerecido aos membros da Reunião um *cock-tail*, que transcorreu em grande cordialidade, tendo ao mesmo comparecido o Snr. Ministro da Agricultura, Dr. Odilon Braga.

Piracicaba, fevereiro de 1936.

E. A. GRANER

* * *

Dr. B. E. Dahlgren

Lemos na revista "Torreya", que o Dr. B. E. Dahlgren, emérito botânico do famoso *Field Museum of Natural History*, de Chicago, deixou os Estados Unidos, em Outubro findo, com destino ao norte do nosso paiz onde fará uma expedição aerea com o fito de fazer averiguações sobre a nossa carnahubeira.

Tal expedição que terá a duração de cerca de 3 mezes, é custeada pela firma S. C. Johnson and Company de Chicago, fabricante de varios typos de ceras e productos correlactos, a qual está directamente interessada na materia prima fornecida pela importante palmeira.

O Dr. Dahlgren que goza de um prestigio invejavel nos circulos scientificos norte-americanos, já tem vindo innumeradas vezes ao Brasil tendo realizado importantes estudos sobre a nossa flora nordestina.

Oxalá que a sua expedição seja-nos tambem bastante proveitosa.

R. S. C.

Possibilidades da nossa industria citricola

Numa das ultimas sessões realizadas pelo Claremont Pomological Club da California, o Dr. Raimund H. Marloth, superintendente da Secção de pesquisas da Estação Experimental de Horticultura Subtropical da União Sul Africana, prendeu a atenção dos ouvintes, falando das impressões sobre a industria citricola brasileira, colhidas quando de sua passagem pelo nosso paiz; a caminho da America do Norte.

Mostrou-se o conferencista deveras surprehendido pelo que lhe foi dado observar no Brasil, em relação á nossa cultura citrica, dizendo que pouca gente avalia a enorme area e as formidaveis possibilidades (*tremendous possibilities*) de que dispomos para desenvolver aquella importante industria agricola. Em seguida affirma o Dr. Marloth que a laranja brasileira é de qualidade superior á sua similar da California, embora tal asserção pudesse parecer exaggerada aos seus ouvintes (*Yo may not believe it but they grow an orange of superior quality to those you grow*). Disse ainda, que o Brasil concorrendo aos mesmos mercados que a União Sul Africana será num futuro bem proximo, um concorrente poderoso no commercio citricola, daquella possessão ingleza, onde presentemente o augmento de plantações é insignificante.

Não deixou, tambem o illustre conferencista de dizer algumas "verdades" em nosso desabono, (embora isso não cons-

titua novidade para os nossos technicos) quando se referiu ao pouco cuidado que dispensamos ás plantas na grande maioria dos pomares, nas quaes a producção não vae alem de 1 caixa por arvore devido á falta de tratos culturaes adequados, adubações constantes, pulverisações, etc.

De facto, está ahí uma verdade inconteste: a producção por unidade na maioria dos nossos pomares é verdadeiramente irrisoria em relação a de outros paizes productores onde muitos laranjaes produzem melhores medias por arvore. Cumpre, pois cuidarmos com mais carinho de nossas laranjeiras. Para tal, busquemos assistencia technica. São Paulo possui uma organização já muito adeantada, onde technicos especializados prestar-nos-ão todos os esclarecimentos necessários para o melhoramento de nossos pomares. De que valerão as "tremendas possibilidades" que Deus nos deu se não soubermos com intelligencia e trabalho nos afastar da rotina em busca de uma agricultura racional?

E quem não quizer fazel-o siga o conselho de Hume: Mude de profissão: (*The grower who neglects his trees should undertake some other line of work*).

R. S. C.

* * *

Instrucções sobre analyse de terras

O Instituto Agronomico possui um laboratorio especializado para analyse de terras. Estas analyses, com fins puramente agricolas e para agricultores residentes no Estado de São Paulo, são feitas gratuitamente. Entretanto, a bem da lavoura e dos interessados, deve-se usar desta facilidade criteriosamente, isto é, quando, de facto, se desejar aproveitar os resultados de uma analyse para a adubação adequada de determinada cultura. Para se conseguir a analyse de terra, devem os interessados seguir as seguintes instrucções:

Antes de tudo, pedir ao INSTITUTO AGRONOMICO as instrucções sobre a maneira de se tirar a amostra de terra, bem assim solicitar a remessa de um questionario, que, devidamente preenchido, deverá ser remellido, por carta, a esse estabelecimento, juntamente com o conhecimento do despacho

ferroviario das amostras de terras. As amostras que não vierem acompanhadas do referido questionario não serão analysadas.

As analyses de terras serão sempre feitas com a possivel brevidade, porém como uma analyse exige varios dias e, existindo ordinariamente innumeradas amostras em andamento, será obedecida a ordem de entrada das amostras no laboratorio. E' necessario, pois, que os interessados enviem as amostras o quanto antes e não nas vesperras da plantação, porquanto, nesse caso, só poderão receber os resultados com grande atraso e, por conseguinte, com prejuizo para a lavoura. Assim, quem desejar plantar o algodão no mez de Outubro deverá mandar analysar a terra, no mais tardar, até meados do mez de Agosto. Em virtude do grande numero de amostras de terras enviadas annualmente ao Instituto Agronomico, os agricultores devem reduzir ao estrictamente necessario os seus pedidos de analyse, afim de que todos possam ser attendidos a tempo. Assim sendo, somente deve ser enviada mais de uma amostra de terra, quando, numa mesma area ou talhão, se apresentarem diversos typos de terra. Quando o typo de terra for um só e não apresentar differença numa mesma cultura, pôde-se, então, tirar diversas amostras, em pontos differentes do terreno, fazendo-se em seguida uma mistura, da qual se tira uma amostra média para ser analysada. Não devem ser misturadas amostras de terra de typos differentes, isto é, terra roxa com terra massapé, ou arenosa, salmourão, vermelha, etc.

Collécta da amostra

Para que uma analyse de terra represente, de facto, a sua composição em elementos fertilizantes, a collécta de amostras deve ser feita cuidadosamente, obedecendo-se ao seguinte processo :

Em lugar não adubado, raspa-se levemente a primeira camada superficial vegetativa, afastando-se dessa maneira todos os corpos extranhos, detritos de folhas, galhos, pedras, etc., que por acaso estejam no local escolhido para a retirada da amostra. Abre-se depois uma cóva até 30 cms. de profundidade. A terra retirada dessa cóva é despresada. Em seguida, num dos lados da cóva, corta se uma parede em fôrma de fatia, desde a

superfície do sólo até uma profundidade de 30 cms. Mistura-se muito bem essa terra e da mistura é retirada uma parte para ser analysada. Para cada amostra são necessarios 3 (tres) kilos de terra. Quando o sub-sólo é muito differente do sólo e quando a planta cultivada tem raizes fundas, tira-se, de modo analogo ao da primeira, uma segunda amostra, da camada de 30 até 60 cms. de profundidade. Para plantação de arbustos, pode-se mesmo tirar uma terceira amostra da camada de 60 cms. até 1 m. ou 1,20 cms., no caso em que a terra seja bastante differente da segunda amostra. Cada amostra de 3 kilos de terra deve ser acondicionada em latas ou saccos de panno, depois de devidamente numerada. Não se deve, porém, acondicionar a terra para analyse, em latas que contiveram sôda ou potassa, ou em saccos que contiveram cal, cimento ou qualquer outro ingrediente, porquanto, por pequenas que sejam as quantidades dessas substancias, poderão modificar consideravelmente os resultados analyticos, conduzindo a interpretações erroneas. A marcação das amostras deve ser feita com numeros ou letras, tendo-se o cuidado de tomar nota do lugar correspondente a esses numeros ou a essas letras, para que o interessado possa saber o local no caso de ser indicada uma adubação differente para cada amostra de terra. As marcas devem vir dentro de latas ou saccos e não colladas ou pregadas por fóra. Feito o despacho ao INSTITUTO AGRONOMICO, deve constar do endereço o nome do remittente, bem assim a sua residencia. Em separado, deve ser remittido o conhecimento do despacho, juntamente com o questionario. Deste devem constar os seguintes dados: — nome da propriedade agricola e do Municipio a que ella pertence; côr e a especie da terra; padrões vegetaes predominantes; cultura anterior e cultura a ser feita; producção obtida no anno anterior, etc. Para estas informações pede-se a melhor attenção dos interessados, por serem ellas indispensaveis a uma bôa interpretação dos resultados da analyse, deante dos quaes será aconselhada a melhor formula de adubação.

Importante — Nenhuma amostra de terra será analysada desde que não obedeçam os interessados ás instrucções acima.

As amostras de terras e toda a correspondencia deverão ser remittidas ao INSTITUTO AGRONOMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO — CAIXA POSTAL, 28 — CAMPINAS.